

Estágio de vivência em espaço não escolar: desafios à Educação por Alternância nas Licenciaturas em Educação do Campo

Experience of internship in non-school space: difficulties of the Education by Alternation in bachelor's degrees in Field Education

Samuel Pinheiro Santos

João Batista Begnami

Tiago Pereira da Costa

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever e analisar a experiência de um estágio curricular supervisionado realizado em um espaço educativo não escolar, o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), situado no norte do Estado da Bahia, uma organização social que atua com a proposta de Convivência com o Semiárido, na construção de uma sociedade melhor de se viver. Discute a relevância das vivências de estágios para a formação de educadores do campo que atuam com a Pedagogia da Alternância nas Escolas Família Agrícola (EFAs). A “Sistematização de Experiências” foi a metodologia adotada para o processo de descrição e análise das vivências no Estágio, conforme Hollidey (2006). A reflexão sobre a relação teoria e prática e o estágio como pesquisa dialogou com Pimenta e Lima (2006). Como resultados, aponta-se a importância do estágio para a formação docente, que se torna mais significativo e emancipador, desde que levada em conta a unidade teoria e prática. Por isso, deve estar ligado com a pesquisa e articulado ao conjunto dos componentes curriculares realizados ao longo de todo percurso da formação. Enfim, este trabalho levanta indagações que desafiam a prática e a compreensão do Estágio no Curso de Licenciatura em Educação do Campo - área de Ciências Agrárias (LECCA), realizado no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, Campus Inconfidentes/MG.

Palavras chave: Estágio curricular; Organização Social; Espaço educativo não escolar; Convivência com o Semiárido; Pedagogia da Alternância entre teoria e prática.

Abstract: This article aims to describe and analyze the experience of a supervised internship carried out in a non-school educational space, at the Regional Institute of Small Appropriate Agriculture (IRPAA), located in the north of the state of Bahia, it is a social organization that works with the proposal of living with the Semi-Arid, in the construction of a better society to live together. It discusses the relevance of internship experiences for the training of field educators who works with the Alternation Pedagogy in Agricultural Family School (EFA). The “Systematization of Experiences” was the methodology adopted for the process of describing and analyzing the experiences in the Internship according to Hollidey (2006). The reflection on the relationship between theory and practice and the internship as a research dialogued with Pimenta and Lima (2006). As a result, we point out the importance of the internship for teacher training, which becomes more meaningful and emancipatory, if the unit of theory and practice are considered. For this reason, it must be linked with research and articulated with the set of curricular components carried out throughout the course of training. Thus, this work raises questions that challenge the practice and understanding of the Internship of the Undergraduate Course in Field Education - Agricultural Sciences area (LECCA), held at



the Federal Institute of Science and Technology of Southern Minas Gerais, Campus Inconfidentes / MG.

Keywords: Curricular internship; Social Organization; Non-school educational space; Coexistence with the Semi-Arid; Alternation Pedagogy between theory and practice.

Introdução

60

Este artigo foi elaborado a partir da experiência de estágio curricular, realizado no Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), na cidade de Juazeiro, Estado da Bahia, como exigência do IV Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – área de Ciências Agrárias (LECCA). Este curso, realizado pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS) – Campus Inconfidentes/MG, tem sua organização curricular baseada na metodologia de Alternância, conforme o seu Projeto Pedagógico. (IFSULDEMINAS, 2016).

O LECCA tem, entre outros pressupostos, a pesquisa como princípio educativo. Nesse sentido, organiza e articula as sequências de Alternâncias a partir de temas geradores, também chamados de Planos de Estudo. A pesquisa por meio do Plano de Estudo é uma mediação didática que auxilia na continuidade da formação nos tempos-espacos: Sessão Escolar e Estadia Socioprofissional ou Tempo-escola e Tempo-comunidade (BEGNAMI; HIRATA; ROCHA, 2018). Observa-se que o curso dialoga com Sá e Molina (2014), que discutem a centralidade da pesquisa no processo formativo de profissionais das Ciências Agrárias na Educação do Campo, numa perspectiva contra-hegemônica.

Se por um lado, os Planos de Estudo são mediações de pesquisa, por outro lado, o Estágio, como mediação didática, torna-se importante na integração dos tempos e espacos formativos e da dialética prática-teoria-prática quando compreendido e implementado como outro espaco de pesquisa.

O Estágio Curricular Supervisionado, colocado no currículo do Curso LECCA, no qual o(a) estudante precisa cumprir uma carga horária de 480 horas, está planejado em quatro categorias, sendo o primeiro dedicado à observação de atividades pedagógicas, de gestão e da estrutura física e organizacional de uma escola do campo; o segundo destinado à observação e regência de aulas



nos anos finais do Ensino Fundamental, prioritariamente, na área de Ciências; o terceiro visa observar e reger aulas no Ensino Médio, preferencialmente, nos cursos Técnicos em Agropecuária, integrados ao Ensino Médio; e o quarto Estágio, conforme objetivos da habilitação do Curso, consoantes aos princípios da Educação do Campo, propõe vivência em alguma instituição não escolar, mas voltada à área formativa do curso.

A realização do Estágio no IRPAA atende à obrigatoriedade do quarto estágio do Curso LECCA. Nesse sentido, visando melhor compreender as questões inerentes à Educação Contextualizada, por meio de organizações não-governamentais e suas dinâmicas de atuação com o desenvolvimento local e regional, sustentável e territorial. Este último estágio foi realizado na instituição supracitada, que há trinta anos vem trabalhando processos educativos e práticas de convivência com o semiárido.

A escolha do IRPAA para a realização do IV Estágio desencadeou-se pela sua relevância no trabalho de formação e assessoria aos agricultores e agricultoras que resistem e permanecem no Semiárido, bem como nas ações de implementação de Tecnologias Sociais que lhes ajudam a conviver neste ecossistema desafiador, o Semiárido Brasileiro.

A proposta do IRPAA veio ao encontro do nosso interesse em relacionar a educação e a convivência com o semiárido no trabalho como educador na Escola Família Agroecológica de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, região do semiárido mineiro. Este Estágio foi pensado como forma de imersão para observação, pesquisa e aprofundamento sobre experiências de convivência com o semiárido para contribuir com nossa proposta de Trabalho de Conclusão de Curso.

A “Sistematização de Experiências” foi a metodologia adotada para o processo de descrição e análise das vivências no Estágio, conforme Holliday (2006). A reflexão sobre a relação teoria e prática e o estágio como pesquisa dialogou com Pimenta e Lima (2006). Como resultado, destaca-se a importância do estágio para a formação docente, que se torna mais significativo e emancipador desde que seja levada em conta a unidade teoria e prática. Por



isso, deve estar ligada com a pesquisa e articulada ao conjunto dos componentes curriculares realizado ao longo de todo percurso da formação.

Contextualização do ambiente de estágio

O IRPAA, com sede localizada no município de Juazeiro, Estado da Bahia, é uma Organização Não Governamental, sem fins lucrativos, que tem por objetivo trabalhar a proposta de Convivência com o Semiárido que é a sua maior e mais importante meta (COSTA, 2017). Busca soluções e alternativas para que os agricultores da região semiárida possam conviver ali, desenvolvendo as atividades agropecuárias e não agropecuárias, prestando inclusive serviços de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) de qualidade.

Essa Organização Social surgiu na década de 90, em resposta ao descontentamento com o paradigma do Combate à Seca, ação alienadora dos políticos e da elite conservadora, que em decorrência das características da região, buscavam tirar proveitos políticos e econômicos. Em sintonia com as comunidades rurais e organizações e apoio do Dom José Rodrigues, Bispo local na época, concebeu-se um conjunto de práticas de Convivência com o Semiárido.

Após a década de 70, acentuam-se os problemas sociais no município de Sobradinho - Bahia e arredores, onde o progresso introduzido com a construção da Usina Hidrelétrica (Barragem de Sobradinho) não atendeu às demandas da classe trabalhadora, e sim, aos padrões econômicos e de mercado, ampliando as desigualdades em todos os níveis.

Como resposta a essa situação emblemática, foi por meio do associativismo que se achou alguns caminhos atenuados nas demandas locais e regionais, assim, criada em 1980, a União das Associações de Sobradinho e Arredores (UASA), que fundou, em 1990, a Escola Família Agrícola de Sobradinho (EFAS), respondendo juridicamente pela mesma até 1994, quando surge a Associação Comunitária Mantenedora da Escola Família Agrícola de Sobradinho (AMEFAS).

Por sua conexão com o IRPAA, a EFA de Sobradinho foi outra oportunidade de imersão, ampliando a vivência do estágio no IRPAA. Trata-se



de um Projeto de Educação do Campo pela Pedagogia da Alternância. Parte destas informações foram obtidas por meio de conversas durante a visita realizada na EFA. Outras, foram colhidas nas conversas durante a estadia no IRPAA. Assim, como outras foram acessadas por meio de documentos e entrevistas junto ao Supervisor do Estágio.

Vivências e aprendizados da experiência do estágio no Semiárido Baiano

Segundo Holliday (2006), a “sistematização de experiências”, como metodologia, é um dos instrumentos que mais se aproxima da valorização dos saberes gerados por uma comunidade local, um coletivo, em seus processos socioambientais. A sistematização de experiências tem por objetivo dar a luz às vivências práticas concretas. Portanto, as experiências vivenciadas ao longo do estágio no IRPAA foram, na medida do possível inventariadas para a análise reflexiva deste trabalho.

Durante a estadia em Juazeiro-BA foi possível conhecer a história, os sujeitos envolvidos, a organicidade, as motivações, os princípios e finalidades do IRPAA por meio das conversas com seus integrantes, de textos, panfletos, cartilhas, documentos em geral e todos os espaços que compõem os ambientes da sede administrativa e da propriedade com suas unidades demonstrativas, que formam um laboratório vivo com suas múltiplas tecnologias sociais de convivência com o semiárido.

Nesse período, foi possível conhecer o trabalho desenvolvido pelo IRPAA; acompanhar algumas atividades de assistência técnica junto às comunidades camponesas, que são realizadas pelos técnicos; acompanhar os trabalhos realizados pela instituição junto a outras entidades da região; enfim, entender a convivência com o semiárido, que não se trata apenas das técnicas de manejo do solo, mas sim, de uma proposta de desenvolvimento para a região.

O que chamam de convivência representa todo um trabalho que envolve aspectos relacionados com a coleta de água da chuva, manejo apropriado do solo, estudo voltado aos animais e plantas adaptadas à região, crenças populares, saberes da experiência feita pelo povo e busca do apoio religioso pelos agricultores. A religiosidade popular é um dos elementos valorizados,



talvez, uma das chaves mais importantes para conquistar a adesão dos sertanejos à proposta do IRPAA.

Pela proximidade territorial e dos atores locais foi possível conhecer a Escola Família Agrícola (EFA) de Sobradinho/BA, município situado a 47 km de Juazeiro e que deu nome à represa do Rio São Francisco. Igualmente ao feito no IRPAA, buscou-se entender o funcionamento da EFA na região, seus Instrumentos Pedagógicos, condução dos trabalhos, estruturas, setores produtivos, sua relação com o IRPAA, entre outros. Pelo que observamos e pudemos comprovar nas conversas, as duas instituições são parceiras, comungam das mesmas ideias de luta pela convivência com semiárido.

Nas visitas técnicas realizadas foi possível conhecer dois Assentamentos Rurais e uma das 12 associações que compõem a Cooperativa Agroindustrial Vale do Paraíso – COOPERPARAISO, configurando num importante momento para a compreensão da realidade dos agricultores da região do sertão baiano.

Na sede do IRPAA, conhecemos sua estrutura, onde funciona a parte administrativa. O espaço é caracterizado com muitos materiais para a leitura e objetos e plantas característicos do semiárido.

A imersão nas Unidades Didáticas do Instituto foi uma oportunidade ímpar dentro do estágio. Observamos que ela desempenha uma função relevante, especialmente para o público jovem que vem para as formações neste espaço. É utilizada como um recurso didático e pedagógico e possui espaços para alojar e reunir as pessoas. Alguns jovens moram no local e fazem o curso técnico em agropecuária em uma escola pública na cidade. Os jovens que ficam internos passam por um processo seletivo, sendo um dos critérios a idade mínima de 18 anos, pois esses jovens formam uma comunidade de convivência e trabalho, responsabilizando-se pela manutenção dos setores produtivos. Cultivam os alimentos de forma agroecológica, alimentam-se do que produzem e auto-organizam-se na vida em grupo. Nesse sentido, a propriedade torna-se um espaço de estudos, pesquisa e práticas, proporcionando a relação teoria e prática no processo de formação desses jovens.

Nesse tempo, também foram lidos e analisados livros e materiais produzidos pelo IRPAA, como o livro “Horta na Escola: cultivando saberes com



os sabores das aprendizagens”. Este material aborda o cultivo em hortas nas escolas, mostrando a importância da produção do próprio alimento e como isso contribui para a segurança nutricional alimentar. O material aborda também a convivência com o semiárido, como cultivar uma horta dentro dessas condições climáticas, trabalhando o conceito da horta como uma atividade pedagógica. Mostrou-se uma referência importante para o nosso trabalho com o Caderno Didático sobre Hortaliças no semiárido.

Na Escola Família Agrícola de Sobradinho foi possível conhecer o espaço e todos os setores produtivos. A estrutura da escola conta com dormitórios masculino e feminino, três salas de aula, um refeitório, auditório, secretaria, entre outras estruturas. Além disso, possui a criação de caprinos, o setor de horticultura, área destinada ao pomar, viveiro de mudas e a criação de algumas aves.

Outra oportunidade interessante proporcionada por este estágio foi a visita na Associação Terra Nossa. Ela fica numa comunidade rural que surgiu a partir de um empréstimo junto ao crédito fundiário para aquisição de terra e moradia. Este crédito foi uma política de apoio a compra de terras, iniciada no governo de Fernando Henrique Cardoso com o nome “Banco da Terra”, posteriormente, no governo Lula, passou a chamar-se “Crédito fundiário”. Constatamos que, atualmente, encontram-se 22 famílias residindo naquele espaço, que fazem uso conjunto de alguns recursos como a água, que chega bombeada do rio São Francisco. Em conversas com moradores da região, foi possível conhecer as suas lutas e necessidades. Ainda relataram situações em que muitas famílias foram expulsas de uma determinada área que estava sendo ocupada por eles. Neste dia realizamos a manutenção em uma área coberta e cercada por sombrite¹ que era utilizada pelos moradores de forma coletiva para o plantio de hortaliças e algumas culturas anuais.

Ainda estivemos no Assentamento Vale da Conquista, regularizado pelo INCRA, onde se assentou 154 famílias. Nesta visita técnica, juntamente com o técnico do IRPAA, estivemos com alguns agricultores que produzem hortaliças

¹ As telas de sombreamento (sombrite) têm como função principal a proteção das plantas do excesso de irradiação da luz solar.



para atender ao Programa de Aquisição de alimentos (PAA), Lei nº 10.696/2003, (BRASIL, 2003) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Lei nº 11.947/2009, (BRASIL, 2009). Oportunamente, conhecemos a área de demonstração, chamada de ensaio forrageiro agroecológico. Esta área foi implantada em outubro de 2018 com o apoio do Governo Estadual da Bahia, através do Programa Pró Semiárido. Nela encontram-se várias forrageiras como a Moringa, Capim Napiê e Palma, principalmente. Localizada no assentamento, o seu cuidado é realizado pelos moradores que também usufruem dos benefícios dessas plantas para alimentação animal.

A região possui 12 associações do Crédito Fundiário e dois Assentamentos de Reforma Agrária ligados ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Esses espaços visitados possibilitaram o aprofundamento sobre os conhecimentos em relação às lutas pelo acesso à terra. Durante o estágio, ouvimos moradores relatarem histórias de pessoas que estavam em uma ocupação de terras e foram brutalmente expulsas desses locais por latifundiários. No Programa Crédito Fundiário a organização associativa é uma das formas de acessar a terra.

Sobre a visita à Feira de Produtos da Agricultura Familiar do município de Sobradinho, podemos relatar que o mercado municipal da cidade possui um espaço grande, porém o espaço interno é acessado exclusivamente pelos grandes produtores e por atravessadores com produtos de origem convencional. O espaço de comercialização dos produtos de origem agroecológica e orgânica ficava do lado de fora do mercado, numa rua lateral. Em conversa com uma agricultora que estava vendendo seus produtos, ela relatou que até pouco tempo atrás os agricultores familiares não tinham espaço para comercializar seus produtos, mas, com o apoio do IRPAA, eles recorreram à prefeitura e conseguiram este espaço, pelo menos na rua. Registramos que são poucas as pessoas que comercializam produtos de forma agroecológica e que buscam o selo de produção orgânica. Além disso, esses produtos não são tão reconhecidos na região.

Observamos que a água utilizada para agricultura na região provém do Rio São Francisco e é conduzida por canais que funcionam por declividade, ou



por bombeamento. Nem sempre é o Agricultor Familiar que protagoniza essa agricultura.

Por sua vez, a visita à Gentil Maria foi realizada com o intuito de conhecer sua propriedade, que é uma das áreas fechadas com sombrite. Ela, como vários outros agricultores da região, recebeu uma estrutura assim para permitir o melhor cultivo de hortaliças, sendo que esses agricultores são acompanhados pelo técnico do IRPAA. Ela também deseja entregar seus produtos para o PAA e PNAE. Nessa visita a senhora Gentil Maria diz enfrentar dificuldades com o cultivo de hortaliças, pelo motivo do solo ser bem arenoso, como é característico da região e pelo sol que faz com que a água evapore muito rápido e o solo fique seco. Nesse sentido, ela foi orientada a fazer a utilização da cobertura morta, ou conhecida também como cobertura seca, uma das técnicas de conservação de umidade no solo.

No decorrer do período de estágio foram realizadas algumas atividades no setor da horticultura da EFA de Sobradinho. Como exemplo, podemos citar a necessidade de retirar a bomba que é utilizada para irrigação, que não estava funcionando, por isso foi levada para a manutenção e depois instalada no local novamente para irrigar as hortaliças.

As vivências experimentadas durante este estágio foram tão marcantes que um simples relato, conforme as exigências acadêmicas, seria insuficiente. A ideia de um registro mais sistematizado e reflexivo, no desenho de um artigo, emergiu a partir da constatação de uma série de aprendizados novos, considerados relevantes na formação docente, sobretudo, do educador do campo. Refletir sobre a relevância do estágio em espaços não escolares na formação do educador das Ciências Agrárias, na perspectiva da Agricultura Familiar e Camponesa e da Educação do Campo seria também uma forma de contribuir para redefinição do papel do estágio no Curso LECCA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS).



O estágio como pesquisa e fortalecimento da relação teoria e prática na Formação por Alternância

A vivência do estágio em si já contribui para o ganho de experiência e é o momento de colocar em prática muitos dos conhecimentos que são vistos durante a formação em sala de aula, segundo Pimenta e Lima (2006). Esta visão dicotômica do estágio é muito comum ainda nos cursos de formação docente, inclusive nas Licenciaturas em Educação do Campo. Veja que, segundo essa visão, o estágio é lugar da prática. Logo, a escola e a universidade são espaços da teoria e, na maioria das vezes, estes dois polos não se encontram.

O estágio em estudo nasceu da necessidade de aprofundar o conhecimento em relação ao clima semiárido, sobretudo, em relação às práticas de convivência com ele. O clima e as práticas de produção da vida são questões que perpassam o nosso tema de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema é “Caderno Didático sobre Hortaliças Orgânicas no Semiárido: Um instrumento de ensino aprendizagem na Pedagogia da Alternância”. Trata-se de uma pesquisa-ação, pois o Caderno Didático foi elaborado e experimentado com estudantes de uma turma do Curso Técnico em Agropecuária, integrado ao Ensino Médio, na Escola Família Agroecológica de Araçuá. A pesquisa deu-se no processo de sua elaboração, bem como agora no processo de sua aplicação didática junto aos estudantes. Este Caderno Didático sobre hortaliças no semiárido será, portanto, um produto que servirá como subsídio para ensinar horticultura, na perspectiva da Pedagogia da Alternância, na área de Agricultura.

A elaboração do Caderno Didático exige não só o conhecimento técnico da horticultura, dos conceitos e práticas da produção orgânica ou agroecológica, mas também um maior conhecimento dessa atividade na realidade do semiárido. Por isso, conhecer práticas mais consolidadas de convivência com o semiárido, sobretudo em relação à horticultura, é indispensável. Exige também um comprometimento ideológico com as práticas de desenvolvimento sustentável e de valorização dos saberes populares, principalmente das mulheres que, historicamente, manejam os quintais produtivos e ajudam muito nas roças e



outros afazeres agrícolas dentro das pequenas propriedades, além da sensibilidade para os aspectos culturais e sociais.

Assim, o estágio no IRPAA revelou-se num espaço de pesquisa para além das várias e significativas vivências práticas, a pesquisa com foco na horticultura agroecológica praticada no clima semiárido. Como as práticas de horticulturas são possíveis no semiárido? Foram várias perguntas, inclusive aquela relacionada ao Estágio em geral no curso. O estágio de vivências não deveria ser melhor orientado na perspectiva da pesquisa, relacionando mais o conjunto das disciplinas, no sentido de a teoria iluminar as práticas e as práticas alimentarem novas teorias? Nesse sentido, as autoras Pimenta e Lima (2006), em suas pesquisas no campo da formação docente, focando no campo do estágio, trazem reflexões fundamentais para repensar as práticas do estágio no Curso LECCA.

Em geral, ainda é comum o estágio ser identificado como a parte prática em oposição à parte teórica identificada com o tempo escolar nos cursos de formação docente. Ou seja, o tempo escolar é identificado com a teoria e o tempo no mundo do trabalho, no chão da escola ou de espaços educativos não escolares, identificados como o tempo da prática, segundo Pimenta e Lima (2006). Na maioria das vezes, quando os estudantes terminam o percurso formativo, é comum afirmarem que concluíram o tempo da teoria e que agora começa o desafio do aprendizado da profissão que se dará quando se inserirem no campo do trabalho. Isso demonstra que os cursos de formação docente não fundamentam teoricamente a atuação do futuro profissional, nem tomam a prática como referência para a fundamentação teórica, conforme Pimenta e Lima (2006).

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 6).



As autoras apresentam o conceito de práxis como superação da dicotomia teoria e prática “para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos estudantes e da sociedade”. Para tanto, é preciso superar a prática como imitação de modelos ou simples instrumentalização da ação pedagógica. Nesse sentido, este trabalho discute o estágio como possibilidade de pesquisa e suporte à pesquisa.

O estágio baseado na imitação ou na instrumentalização representa uma linha de pensamento que não vê e nem valoriza o professor como um profissional intelectual. Na perspectiva Freiriana, interessa o saber fazer em detrimento do saber refletir, interpretar o mundo para compreendê-lo e transformá-lo (FREIRE, 1983). Tal perspectiva é alienante, forma profissionais conformistas, conservadores e legitimadores da cultura institucional dominante. Nela, o estágio limita-se a observar professores em aula e a imitar os melhores modelos. Não há espaço para a análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa.

A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. Tanto é que frequentemente os alunos afirmam que na minha prática a teoria é outra. Ou ainda, pode se ver em painéis de propaganda, a faculdade tal, onde a prática não é apenas teoria ou, ainda, o adágio que se tornou popular de que quem sabe faz; quem não sabe ensina (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 9).

Nessa tendência, o estágio fica reduzido à hora da prática, ao como fazer, às técnicas a ser empregadas em sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo de classe, ao preenchimento de fichas de observação, diagramas, planos de ensino etc. Em certo nível, é possível falar em domínio de determinadas técnicas, instrumentos e recursos, para o desenvolvimento de determinadas habilidades em situação. Nessa reflexão, cabe indagar: qual a habilidade necessária, essencial ao exercício da profissão docente? Seria a de “saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre, o que necessariamente implica a criação de novas técnicas” (PIMENTA; LIMA, 2006,



p. 9-10). Assim, não se trata de aprender um repertório de técnicas, dinâmicas e simplesmente aplicá-las sem a devida análise de contexto.

Partindo desses pressupostos, um educador, em qualquer circunstância, seja no campo ou cidade, precisa ter conhecimento de determinada realidade, para saber como agir sobre ela. Então, o estágio, nessa perspectiva, é o momento do confronto de realidades. Para tanto, o estagiário precisa estar munido de instrumentais de análise para saber ler a realidade e poder agir com consciência sobre ela. Ele não vai a campo para observar como fazer para depois copiar os melhores modelos que bem entender ou achar mais confortável fazer. Também não será um repetidor de técnicas que achar interessante, sem levar em conta o contexto.

Uma das chaves de leitura da Educação do Campo é a sua concepção de educação. “[...] a escola na Educação do Campo não é vista em si mesma, mas para além dela, entendendo que os processos educativos também se forjam nas lutas, nas organizações, nos movimentos, no trabalho, na vida” (BEGNAMI, 2019, p. 98). A Pedagogia da Alternância comunga com este princípio da Educação do Campo. A escola formal tem a sua importância, tanto é que se luta por ela como um direito humano universal. A EFA é uma escola formalizada que oportuniza escolarização e educação profissional. Porém, não basta ter a escola no campo, ela precisa envolver nos temas atuais, sobretudo, o modo de produção e reprodução da vida no campo. Ela precisa ser aprendente dos saberes dos sujeitos. A dimensão formativa dos movimentos sociais populares, segundo Caldart (2004), deve ser incorporada ao currículo. O Plano de Formação da EFA e as mediações didáticas específicas da Alternância contribuem para a sua relação com os temas da realidade.

Tanto na Educação do Campo, quanto na Pedagogia da Alternância, há uma concepção de que o conhecimento não está centrado na escola, nos seus educadores, livros e programas. Também compreendem o conhecimento como um processo que se constrói numa relação dialógica, na perspectiva da práxis crítica e emancipatória. Uma das compreensões da Pedagogia da Alternância, na concepção de Gimonet (2007), é de que a Alternância é uma “pedagogia das relações”: relação dialética dos processos metodológicos entre prática-teoria-



prática; relação dos diferentes saberes abstratos e concretos, ou científicos e tradicionais, populares; relação dos tempos e espaços na organização escolar; relação dos diferentes agentes educativos: pessoas, instituições, coletivos organizados em movimentos sociais, sindicais.

Para Gimonet (2007), a verdadeira Alternância é aquela “integrativa”, isto é, quando promove a articulação de uma formação contínua entre tempos escolares e não escolares, integrando os diferentes saberes, a vida e a escola por meios de mediações didáticas específicas. Antunes-Rocha (2011, p. 43), discutindo a Formação por Alternância no contexto da Educação do Campo, afirma que “a realidade dos sujeitos é o princípio e fim da prática pedagógica”. Para esta autora, a relação teoria e prática na formação por Alternância ocorre tanto no tempo-escola, quanto no tempo-comunidade.

O conhecimento elaborado na práxis, na unidade teoria e prática, ajuda a ler o mundo, a se implicar politicamente com a sua transformação e a libertação das pessoas por meio das organizações diversas na sociedade política e civil. Assim, o estágio não se limita a ir praticar no terreno o aprendido na teoria. O trabalho, a vida, os movimentos sociais são espaços formativos que também ensinam. As visitas a assentamentos, às propriedades do IRPAA, da EFA e de agricultores, à feira livre foram vivenciadas como oportunidade de formação.

A partir dessa visão do estágio como espaço da relação teoria e prática numa perspectiva da práxis, inferimos que o estágio no IRPAA representou uma oportunidade de observações, imersão na realidade, vivências em vários contextos do trabalho dos sujeitos de uma instituição que atua na assessoria técnica de agricultores familiares, bem como a imersão nos contextos dos agricultores e agricultoras familiares assessorados. Não representou um estágio para treinamento em técnicas de convivência com o semiárido, muito menos para copiar e transplantar modelos, conforme algumas tendências de práticas de estágios discutidas por (PIMENTA; LIMA, 2006). As tecnologias sociais foram observadas e analisadas no contexto do semiárido baiano. Algumas até podem ser incorporadas, mas desde que devidamente discutidas e traduzidas ao contexto do semiárido mineiro. Enfim, o estágio no IRPAA pode ser interpretado como uma experiência de pesquisa.



Considerações finais

Este estudo abordou o estágio curricular supervisionado realizado em espaço educativo não escolar. Tratou do experimento de uma vivência realizada no norte do estado da Bahia, no IRPAA, organização não governamental e social que atua com a proposta de Convivência com o Semiárido.

Buscou-se nas vivências desse Estágio analisar a relevância dessa experiência para a formação de educadores do campo que atuam com a Pedagogia da Alternância em Escolas Família Agrícola (EFAs), tendo por base a metodologia de “Sistematização de Experiências”.

Como resultado, aponta-se a importância do estágio para a formação docente, que se torna mais significativo e emancipador desde que levada em conta a unidade teoria e prática. Ressalta-se a importância da realização de estágio em espaços não escolares. Os espaços não escolares no sentido da escolarização formal, institucional, também constituem territórios de possibilidades educativas, pelas dimensões formativas importantes que eles engendram em suas práticas envolvidas nos princípios da Educação Popular. Vivenciar estes espaços é uma oportunidade formativa indescritível, onde se aprendem coisas jamais vistas nos currículos dos cursos acadêmicos.

Por isso, reiteramos a recomendação para que se oportunizem vivências dessa natureza nos cursos de formação docente. Essas vivências podem fortalecer e ampliar visões necessárias de concepção de escola para além da escola. A Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância trazem em seus conceitos esta visão ampliada da escola para além dela mesma, demonstrando outros territórios educativos possíveis. A interação do território escolar com outros territórios pode ser feita por mediações da pesquisa, articulada ao conjunto dos componentes curriculares realizado ao longo de todo percurso da formação. E o Estágio deveria estar organizado e orientado nessa perspectiva da pesquisa. Nesse sentido, a experiência deste estágio provocou indagações que desafiam a prática e compreensão do Estágio nos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo, assim como em qualquer curso de formação docente.

Dessa forma, espera-se poder contribuir para a avaliação e ressignificação teórico-prática do Estágio, pois os cursos de formação docente



devem motivar e preparar as vivências de estágios com mais orientações, na perspectiva da pesquisa baseada na unidade dialética teoria e prática crítica e reflexiva. Enfim, que o estágio não seja espaço dicotomizado no percurso formativo da formação docente. É preciso romper com a tendência de atribuir à teoria ao espaço acadêmico e à prática ao meio socioprofissional. Não há prática sem uma teoria, assim como não há teoria dissociada da prática.

Além do mais, o Estágio potencializou a elaboração, experimentação e avaliação de um Caderno Didático sobre Hortaliças no contexto do Semiárido Mineiro. Uma experiência desenvolvida na Escola Família Agroecológica de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Referências

ANTUNES-ROCHA, M. I. Licenciatura em Educação do Campo: histórico e Projeto Político Pedagógico. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Aracy Almeida. (Orgs.). **Educação do Campo: Desafios para a formação de Professores**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 39 - 55. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 1)

BRASIL. **Lei nº 10.696, de 2 de julho de 2003**. Brasília/DF. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.696.htm>. Acesso em 03 de maio 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Brasília/DF. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11947.htm>. Acesso em 03 de maio 2020.

BEGNAMI, J. B. **Formação por Alternância na Licenciatura em Educação do Campo**: limites e possibilidades do diálogo com a Pedagogia da Alternância. 2019. 402 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32692/1/Tese_Jo%C3%A3o_B_Begnami_FINAL.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2020.

BEGNAMI, J. B.; HIRATA, A. R.; ROCHA, L. C. D. da. **Licenciatura em Educação do Campo** – Área Ciências Agrárias no IFSULDEMINAS/Campus Inconfidentes. Revista Brasileira de Educação do Campo. Tocantinópolis, v.3, n. 2, p. 649-676, mai./ago. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2018v3n2p649>>. Acesso em 20 de junho de 2020.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.



COSTA, T. P. da. **A Convivência com o Semiárido como Paradigma Sustentável na Perspectiva do Bem Viver**. REVASF, Petrolina-PE, v.7, n.12, p. 79-100, abril, 2017. Disponível em: <<http://200.133.3.238/index.php/revasf/article/view/1075/670>>. Acesso em 20 de abril de 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIMONET, J. C. **Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Tradução de Thierry De Burghgrave. Petrópolis: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural, Coleção AIDEFA, 2007.

HOLLIDEY, O.J. **Para sistematizar experiências**. Brasília-DF: MMA. 2006.

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS (IFSULDEMINAS). **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - área: Ciências Agrárias**. Inconfidentes/MG. 2016. Disponível em: <https://portal.ifs.ifsuldeminas.edu.br/arquivos/paginas/menu_cursos/cursos_graduação/lecca/2__PPPC-Lecca_Consum_-_mar%C3%A7o_de_2016.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2020.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poésis - Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

SÁ, L. M.; MOLINA, M. C. Educação Superior do Campo: contribuições para a formação crítica dos profissionais das Ciências Agrárias. In Molina, M. C., Santos, C. A., Michelotti, F., & Sousa, R. P. (Orgs.). **Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias: reflexões sobre a Agroecologia e Educação do Campo nos cursos do Pronera** (pp. 90-116). Brasília, DF: MDA, 2014.

Sobre os autores

Samuel Pinheiro Santos

samuelpintos8@gmail.com

Graduando em Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias - IFSULDEMINAS, Campus Inconfidentes, Monitor-Educador da Escola Família Agroecológica de Araçuaí-MG.

João Batista Begnami

jobabe63@gmail.com

Coordenador Pedagógico da Associação Mineira das Escolas Família Agrícola (AMEFA). Colaborador como professor e coordenador pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Área de Ciências Agrárias (LECCA) - no



IFSULDEMINAS, Campus Inconfidentes, MG. Doutor e Mestre em Educação. Especialista em Pedagogia da Alternância. Graduado em Filosofia. Pesquisador da Pedagogia da Alternância e Educação do Campo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3273-3028>

Tiago Pereira da Costa

tiago@irpaa.org

76

Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT/UNIVASF); Mestre em Extensão Rural; Especialista em Educação Ambiental Interdisciplinar; Especialista em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido; Especialista em Metodologias Participativas Aplicadas à Pesquisa e a ATER; Gestor Ambiental; Pedagogo.

